

3- Teoria e literatura pós-coloniais

To the man who lives for an idea, for his country, for the good of humanity, life has an extensive meaning, and to that extent pain becomes less important to him. To live the life of goodness is to live the life of all. Pleasure is for one's own self, but goodness is concerned with the happiness of all humanity and for all time.

Rabindranath Tagore

A literatura intitulada pós-colonial vem, hoje, ganhando cada vez mais importância no âmbito literário, histórico, sociológico, político e antropológico. Muitos são os teóricos que se debruçam sobre novas formas de pensar a literatura a partir das dominações ocorridas ao longo, principalmente, dos últimos séculos e do binarismo metrópole/colônia, colonizador/colonizado, superior/inferior e etc.

Após o início do processo de colonização, inicia-se o fluxo de entrada e saída tanto de colonizadores quanto de colonizados. A maior parte do deslocamento territorial se dá, nesse período, transportando colonizador/colonizado de suas respectivas nações e culturas para imergirem na nação e cultura alheia.

Edward Said, em sua obra *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* estabelece a diferença entre exilado, emigrado, refugiado e expatriado. Ele conclui:

Embora seja verdade que toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado, é possível fazer algumas distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados. O exílio tem origem na velha prática do banimento. (...) Por outro lado, os refugiados são uma criação do Estado do século XX. A palavra 'refugiado' tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnorreada que precisa de ajuda internacional urgente, ao passo que o termo 'exilado', creio eu, traz consigo um toque de solidão e espiritualidade.

Os expatriados moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais. (...) Os emigrados gozam de uma situação ambígua. Do ponto de vista técnico, trata-se de alguém que emigra para um outro país. Claro, há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar. Funcionários coloniais, missionários, assessores

técnicos, mercenários e conselheiros militares podem, em certo sentido, viver em exílio, mas não foram banidos.¹

Tanto a entrada de colonizadores quanto a saída de colonizados, tanto para a metrópole como para outras colônias, independentemente do tipo de fluxo de saída/entrada, acarretam um contato entre culturas em que tanto uma quanto outra perde e ganha elementos. Assim, uma cultura interfere na outra, fenômeno que podemos caracterizar como transculturação. Já o resultado do processo de transculturação será considerado por nós como hibridização. As distinções estabelecidas por Said não alterará o desenvolvimento de nossa pesquisa uma vez que todo tipo de contato cultural acarreta em uma transculturação.

Tomo o conceito de cultura de Edward Said, aqui citado.

‘cultura’ designa todas aquelas práticas, como as artes de descrição, comunicação e representação, que têm relativa autonomia perante os campos econômico, social e político, e que amiúde existem sob formas estéticas, sendo o prazer um de seus principais objetivos. Incluem-se aí, naturalmente, tanto o saber popular sobre partes distantes do mundo quanto o conhecimento especializado de disciplinas como a etnografia, a historiografia, a filologia, a sociologia e a história literária.²

Said demonstra que cultura é o saber e o pensamento de cada sociedade e que, posteriormente, a cultura acaba sendo associada com a nação e o Estado, como forma de diferenciar o “nós” do “eles” de forma mais agressiva. O autor conclui que “a cultura, neste sentido, é uma fonte de identidade, e aliás bastante combativa, como vemos em recentes ‘retornos’ à cultura e à tradição”.³

Com a interferência entre culturas não só no âmbito político e econômico, mas também sócio-cultural e intelectual, ocorrem no interior das nações colonizadas movimentos reivindicando a sua independência e de conscientização de sua condição de subordinado e subjugado, culminando no processo de descolonização formal. O que, por sua vez, também acarreta uma tentativa de

¹ 2003, p. 54

² 1995: p.12

³ Ibidem, p.13

descolonização cultural e intelectual que se apresenta de algumas formas, seja voltando-se para o passado na tentativa de recuperar uma identidade e um conceito de nação (unificação) pré-colonização, ou seja, um retorno às origens, seja, “abandonando” o passado e voltando-se para o futuro e o que restou após a descolonização, assumindo-se como uma sociedade transculturada.

Embora o retorno a uma identidade cultural pré-colonização seja encarada como uma das buscas possíveis da autenticidade cultural e o resgate de uma subjetivação, segundo Henrique Foffani, essa atitude é uma viagem de regresso ao que já não existe, ou seja, não é o seu retorno ao passado, mas sim, essa impossibilidade que acaba sendo transformada em escrita.⁴

Por outro lado, Agustín Pániker diz que o passado, entre outras coisas, é o que as pessoas têm acreditado que é, o que acarreta muitas vezes em uma essencialização (indianidade, brasilidade...). O autor prossegue:

En el contexto postcolonial, el recurso a ideas esencialistas ha sido una estrategia necesaria y hasta aconsejable para que el colonizado o el subalterno adquieran un nuevo sentido de dignidad acerca de su herencia precolonial y a través de la cual la emergente nación se autoafirme. (...) Dicho esto, debe reconocerse que los nativismos acaban por reforzar el binarismo que el colonialista ha creado. La nostalgia por la cultura reprimida, la idealización de un origen perdido recuperable en su prístina plenitud, no es más que la reafirmación última del otro que el colonizador ha construido. El nativismo se desplaza con facilidad hacia un etnocentrismo o racialismo inverso. Reproduce una fantasía occidental acerca de su propia sociedad.⁵

Uma atitude contrária à atitude colonial do binarismo nós/eles, colonizado/colonizador, dominador/dominado, dentre muitos outros só é possível com a ab-rogação das estruturas colonizadoras em favor dos colonizados.

A língua e a literatura do colonizador passam a ser veículos de denúncia das estruturas e estratégias de colonização, também vistas como uma forma de

⁴ 2005: p. 83

⁵ Op. cit.: pp. 182-183

“retrucar ao Outro com os mesmos métodos pelos quais os colonizados foram reduzidos à alteridade, à objetificação e à degradação cultural”.⁶

Como também nos mostra Thomas Bonnici, nos últimos anos, a maiorias dos prêmios europeus de literatura foram entregues às mãos de escritores oriundos de ex-colônias, como: Salman Rushdie, V. S. Naipaul, J. M. Coetzee e, mais recentemente, à escritora indiana Kiran Desai. Podemos perceber as novas possibilidades de compreensão das atuais estruturas sociais e subjetivas da atualidade por meio do estudo das teorias do pós-colonialismo e da literatura pós-colonial que desnuda o imaginário e as ideologias coloniais e pós-coloniais, indo mais para lá da simples análise estética.⁷

Os prêmios literários concedidos a esses (e outros) escritores ratificam a importância de se desenvolver e aprofundar o estudo das literaturas pós-coloniais. As escrituras desses escritores podem nos fornecer pistas valiosas sobre questões que surgem na observação do encontro entre culturas em condição de dominação. É objetivo aqui, apresentar um panorama do colonialismo, suas determinantes nas culturas colonizadas e conseqüente descolonização, investigar como se apresenta a identidade cultural pós-colonial e como se manifesta o conceito de nação no pós-colonialismo, ambos os fenômenos determinados pela transculturação e manifestos através da escrita, local em que língua e discurso se transformam no veículo de resistência à possibilidade de aculturação.

Uma importante observação deve ser feita. Muitos escritores e teóricos utilizam a metáfora da casa como exemplificação e análise destas duas condições (identidade e nação), nos seus estudos. Visto a importância e recorrência desta metáfora, faremos seu estudo separadamente.

3.1- Imperialismo e colonialismo

Uma primeira distinção há que ser feita entre dois conceitos-chave para os estudos pós-coloniais: imperialismo e colonialismo. Edward Said, em seu livro *Cultura e Imperialismo*, usa “o termo ‘imperialismo’ para designar a prática, a

⁶ BONNICI, 2000: p.1

⁷ Op. cit.: p. 3

teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante; o ‘colonialismo’, quase sempre uma consequência do imperialismo, é a implantação de colônias em territórios distantes.”⁸

Por sua vez, Ania Loomba compreende o imperialismo como uma entidade basicamente econômica, uma vez que está no seio do capitalismo. Ela afirma que, este sistema está relacionado com a penetração e controle de mercado, por isso, as mudanças políticas não o afetam. Como exemplo, cita o “imperialismo americano” que tem um poderio militar e econômico enorme ao redor do mundo, porém, sem um controle político direto.⁹ Assim,

(...) imperialism or neo-imperialism as the phenomenon that originates in the metropolis, the process which leads to domination and control. Its result or what happens in the colonies as a consequence of imperial domination is colonialism or neo-colonialism. Thus the imperial country is the 'metropolis' from which power flows, and the colony or neo-colony is the place which it penetrates and controls. Imperialism can function without formal colonies (as in United States imperialism today) but colonialism cannot.¹⁰

Há milênios, inúmeros povos ao redor do mundo sofrem os efeitos das dominações de outros povos que, havendo um maior poderio militar, conquistam territórios, povos e culturas: assim ocorreu com os romanos, na antiga Gália, com os arianos, nas civilizações do Vale do Indo, e muitos outros povos. Ou seja, o processo de dominação de um povo por outro sempre existiu ao longo da história da humanidade e é fator intrínseco de toda civilização.

O processo de conquista e controle dos territórios e bens por outros povos através do estabelecimento de novas comunidades é chamado por Ania Loomba de colonização¹¹, cujas principais características são: formar uma comunidade nas novas terras que, necessariamente, significa deformar ou reformar as comunidades já existentes no novo território, envolvendo uma larga gama de práticas como o

⁸ 1995: p. 40

⁹ 1998: p.6

¹⁰ Ibidem, pp.6-7

¹¹ Ibidem, p.2

comércio, a pilhagem, a negociação, a guerra, o genocídio, a escravização e as rebeliões. Loomba ainda afirma que,

Such practices produced and were produced through a variety of writings - public and private records, letters, trade documents, government papers, fiction and scientific literature. These practices and writings are an important part of all that contemporary studies of colonialism and postcolonialism try to make sense of.¹²

Porém, Loomba faz uma distinção extremamente importante entre essas colonizações e as modernas colonizações européias que, através de novas práticas coloniais alteraram todo o mundo de uma forma que as primeiras não fizeram. O que causou essa diferença no tratamento das colônias entre as primeiras colonizações e as modernas colonizações européias é o fato de que as primeiras se organizaram em um período pré-capitalista, enquanto que as demais se organizaram em um período capitalista. Por isso, as práticas sociais, econômicas e políticas dos povos colonizadores para com os povos colonizados sofreram uma grande alteração. Diz a autora:

Modern colonialism did more than extract tribute, goods and wealth from the countries that it conquered - it restructured the economies of the latter, drawing them into a complex relationship with their own, so that there was a flow of human and natural resources between colonized and colonial countries. This flow worked in both directions - slaves and indentured labour as well as raw materials were transported to manufacture goods in the metropolis, or in other locations for metropolitan consumption. but the colonies also provided captive markets for European goods. Thus slaves were moved from Africa to the Americas, and in the West Indian plantations they produced sugar for consumption in Europe, and raw cotton was moved from India to be manufactured into cloth in England and then sold back to India whose own cloth production suffered as a result. In whichever direction human beings and materials traveled, the profits always flowed back into the so-called 'mother country'.¹³

¹² Idem

¹³ Ibidem, pp.3-4

A partir do séc. XVI, então, os países europeus aumentam seu poder econômico através das novas terras que passam a ser interpretadas como uma extensão da metrópole ou os seus campos de plantações; e assim, com mais força militar e econômica, os povos dominadores subjugam as manifestações culturais dos dominados e tem início o fluxo contínuo de senhorios, mão-de-obra e produtos entre metrópoles e colônias, quando a formação de uma numerosa população híbrida serve de veículo ao intercâmbio cultural nos dois sentidos.¹⁴

Ainda segundo Ania Loomba: “Thus we could say that colonialism was the midwife that assisted at the birth of European capitalism, or that without colonial expansion the transition to capitalism could not have taken place in Europe”.¹⁵

Edward Said nos fornece mais uma diferença consistente entre as culturas ocidentais modernas e antigas.

Todas as culturas tendem a elaborar representações de culturas estrangeiras a fim de melhor dominá-las ou de alguma forma controlá-las. Mas nem todas as culturas fazem representações de culturas estrangeiras e de fato às dominam ou controlam. Este é o traço distintivo, a meu ver, das culturas ocidentais modernas.¹⁶

Além dessa característica, Said faz uma observação sobre o saber e o poder. Os europeus se dedicavam, a princípio, aos estudos históricos das regiões asiáticas, depois aos estudos etnográficos e lingüísticos: assim “saber” sobre um povo, ter conhecimento do percurso histórico de um povo, faz com que o saber se erga em supremacia e justifique o poder de dominação uma vez que o inverso não se realiza; os povos dominados não tinham conhecimentos do passado e presente dos seus dominadores.¹⁷ O conhecimento afirma e permite a supremacia e a hierarquização entre os povos.

¹⁴ ORTIZ, 1983: p. XXV

¹⁵ op. cit.: p.4

¹⁶ 1995: p. 143

¹⁷ 1990: 46

Dessa maneira, temos o esboço das principais formas e justificativas de colonizações, fenômeno que assolou dezenas de países que vivem com o fantasma do período de dominação e que, em alguns casos como Porto Rico, sob o domínio estado-unidense, e Tibet, sob o domínio chinês, ainda são assolados pela intolerância e o mito da supremacia que essas (e outras) nações pensam ter sobre as deles.

3.2- Construindo o subalterno

Edward Said afirma que “Colonizar queria dizer, em primeiro lugar, a identificação”.¹⁸ Como citado anteriormente, o conhecimento diacrônico que as sociedades européias tinham das demais sociedades funcionava como uma regulamentação da superioridade européia e, conseqüentemente, a dominação destas por aquelas. Nessa primeira fase, os relatos de viajantes e crônicas eram as principais fontes de identificação e, por meio dessas fontes, o imaginário europeu criou papéis para ambos os lados (dominador/dominado), da mesma forma que, por possuir conhecimento, os europeus se auto-designaram superiores, também consideraram inferiores os não europeus.

A identificação e o reconhecimento do sujeito são construídos a partir do olhar do outro ou, como afirma Marisa Grigoletto, o sujeito colonial é “o sujeito dialógicamente construído por outros discursos (o lugar do outro)”. O lugar de onde se observa e principalmente se emite o discurso determina o outro.¹⁹

Grigoletto também afirma que Said percebeu que o outro é representado como objeto de discurso e que esse discurso constrói um mundo, em oposição à concepção de que o discurso expressa o mundo. No momento em que ocorre a união entre o poder e o controle real, entre a idéia do que era (poderia ser, poderia se tornar) um determinado lugar e um lugar concreto, neste momento se inicia a luta pelo império e pela dominação de tudo que é alheio ao que é considerado familiar.²⁰

Bonnici esclarece que:

¹⁸ 1990: p.109

¹⁹ 2002: pp. 36-37

²⁰ SAID, 1995: p. 118

(...) Na teoria pós-colonial o Outro é o centro imperial, o discurso imperial, a metrópole. O Outro proporciona os termos através dos quais o sujeito colonizado fabrica sua identidade dependente. O Outro é também o aparato ideológico absoluto através do qual o colonizado começa a se ver e a ver o mundo ao redor dele. Portanto, o sujeito colonial existe no fitar e no olhar do outro e, sendo o poder colonizador como um fator maternal, introduz noções de pátria e de seus derivados em sua ideologia. No que diz respeito ao Outro simbólico, a obrigação do sujeito colonizado de perceber e aceitar a linguagem dominante o introduz no esquema de poder do colonizador, no qual ele descobre metaforicamente a Lei do Pai. É importante salientar que os dois pólos aparentemente exclusivos acontecem simultaneamente, ou seja, a construção do Outro dominante é um processo *pari passu* junto à construção do outro colonizado.²¹

Se as formas de se reconhecer o outro o colocam em hierarquia, “o sujeito colonial, o outro, o objeto resultante do processo da construção do império, pode ser definido como subalterno”.²²

Essa consciência européia soberana tendia a apagar toda e qualquer especificidade da cultura dominada, seu olhar tendia à observação da manifestação cultural e sua generalização, mesmo quando se tratavam de observações empíricas. “Fazer de cada detalhe observável uma generalização e de cada generalização uma lei imutável sobre a natureza e, acima de tudo, transmutar a realidade viva na matéria de que se fazem os textos”.²³

Os povos do continente africano e asiático, assim como os das Américas e Oceania deveriam ter suas terras ocupadas e serem dominados em todas as suas dimensões, os demais deveriam dominar, pois, uma vez que os povos submetidos não tinham o conhecimento, não podiam saber o que era melhor para si, por isso, deveriam ser governados para o próprio bem deles.²⁴

Said diz que nenhum campo da experiência foi poupado à incansável aplicação dessas hierarquias. Assim, as representações daquilo que havia para

²¹ Ibidem, pp. 133-134

²² Ibidem, p. 135

²³ SAID, 1990: p. 95

²⁴ Ibidem, p. 48

além das fronteiras insulares ou metropolitanas vieram, quase desde o princípio, a confirmar o poder europeu.²⁵

O poder de expressar, representar e criar o que está além das fronteiras da metrópole é fruto do poder de uma sociedade imperial, e esse poder assume a forma discursiva que reordena os dados originais segundo as estruturas metropolitanas das narrativas sem o menor esforço de agradar os nativos, ao contrário, de forma geral, esses escritos pressupunham o silêncio dos nativos.

Sociedades como a indiana, com milhares de anos de existência, filosofias e literaturas avançadíssimas foram encaradas pelos ingleses como sendo sem evolução, estagnadas no tempo, por outro lado, sociedades como as ameríndias, das quais não se tinha o conhecimento histórico, filosófico, literário e lingüístico como os que tinham os ingleses da Índia, não foram consideradas merecedoras de um passado. Estas ainda estavam num estágio tão primitivo que seria confundido com o paraíso na terra. Ambos os tipos de sociedades seriam salvas da escuridão e ignorância que os prendiam pelos europeus; essa era considerada a missão civilizadora paralela à dominação político-econômica das colonizações.

Essa estrutura de dominação desenvolveu, a partir do imaginário, um vocabulário próprio para designar ambas as partes; assim, tanto europeus como não-europeus foram gerados simultaneamente, fruto de sua interdependência. Novos mitos e histórias tornaram-se reais e ganharam presença através do pensamento e por sua materialização lexical.

O subalterno passou a ser considerado aquele que tem carência de precisão, que facilmente degenera em insinceridade, de não ser objetivo, de ser agressivo, ilógico, muitas vezes considerado como criança que precisa ser protegido por não ser capaz da ação; ao passo que ao dominador europeu cabiam as seguintes caracterizações: racional, pacífico, liberal, lógico, capaz de ter valores reais, sem desconfiança natural.

Said diz que

A única relação que não muda é a hierarquia entre a metrópole e o ultramar de modo geral, entre o homem cristão, branco, ocidental, europeu, e aqueles povos geográfica e moralmente situados fora da Europa (África, Ásia, e mais a Irlanda e a

²⁵ 1995: p.149

Austrália no caso britânico). Afora isso, é permitida uma elaboração fantasiosa de ambos os lados da relação, tendo como resultado geral a consolidação das respectivas identidades, mesmo quando aumentam suas variações do lado ocidental.²⁶

Muitos são os exemplos que podem ilustrar essa concepção léxico-imagética do subalterno. Said nos mostra que os povos asiáticos eram representados por seus colonizadores como:

simplórios, ‘desprovidos de energia e de iniciativa’ e muitos dados a ‘adulações de mau gosto’, intriga, simulação e maus tratos aos animais; os orientais são incapazes de andar em uma estrada ou calçamento (suas mentes desordenadas não conseguem entender aquilo que o sagaz europeu apreende imediatamente, que estradas e calçamentos são feitos para andar); os orientais são mentirosos inveterados, são ‘letárgicos e desconfiados’, e em tudo se opõem à clareza, integridade e nobreza da raça anglo-saxônica.²⁷

Caminha descreve os indígenas do Novo Mundo como: inocentes, infantis, incapazes de ter qualquer tipo de crença, atrasados, de fácil dominação, subordináveis e obedientes.²⁸ Colombo, da mesma forma, caracteriza os indígenas com quem tem contato como: atrasados, subjuguáveis, inocentes, temerosos, medrosos, selvagens.²⁹

Uma vez que esses colonizadores descrevem os subalternos através dos mesmos adjetivos (ou similares), visto que são considerados praticamente os mesmos em todos os lugares, subentende-se que os europeus são racionais, virtuosos, objetivos, corajosos, hábeis, em resumo, “normais”.

Said resume a representação do binarismo colonizador/colonizado na citação a seguir.

²⁶ 1991: p. 150

²⁷ Ibidem, p. 49

²⁸ 2003: p.

²⁹ 1956 & 1998

O europeu é um raciocinador conciso; suas declarações de fato são desprovidas de qualquer ambigüidade; ele é um lógico natural, mesmo que nato tenha estudado lógica, (...) sua inteligência treinada trabalha como a peça de um mecanismo. A mente do oriental, por outro lado, assim como suas pitorescas ruas, é eminentemente carente de simetria. Embora os antigos árabes tenham adquirido em um grau um tanto mais alto a ciência da dialética, seus descendentes são singularmente deficientes de faculdades lógicas. São muitas vezes incapazes de tirar as conclusões mais óbvias de qualquer simples premissa cuja verdade possam admitir. Tente-se arrancar uma declaração de fato direta de qualquer egípcio normal Sua explicação será em geral longa e carente de lucidez. Ele provavelmente entrará em contradição consigo mesmo uma dúzia de vezes antes de acabar sua história. Com frequência sucumbirá ao mais brando método de interrogatório.³⁰

Essa estrutura do pensamento colonial estabelecia a diferença entre o familiar, que seria considerada toda a Europa, o “nós”, e o “eles”, o estranho, configurado por todos os povos do ultramar. Sendo que o “nós” se sentia autorizado pelo saber/poder a penetrar, comandar e reestruturar tudo que o “eles” poderia significar. Ou seja, parafraseando Said , a ordem de soberania é, então, estabelecida da Europa (centro) para as demais sociedades (periferia).³¹ Além disso, essa soberania admitia uma condição de cientificidade e, conseqüentemente, de verdade. Além disso, “retratar o outro imutável e sem história acarreta a dicotomia essencialista entre o ‘eu’ e o ‘outro’ e o ‘eu’ possuía uma história mais ‘densa’ que o ‘outro’ – acarreta o projeto colonizador como missão moral”.³²

“As características fisiológicas e morais são distribuídas mais ou menos igualmente: o americano é ‘vermelho, colérico, ereto’, o asiático é ‘amarelo, melancólico, rígido’, o africano é ‘negro, fleumático, frouxo’”.³³ Não se deve procurar uma correspondência entre a linguagem utilizada para caracterizar os povos dominados porque longe de tentarem ser precisas, a intenção é justamente uma caracterização do estrangeiro.³⁴

Agustín Pániker, assim como Said, descreve o pensamento da época da seguinte forma:

³⁰ Ibidem, pp. 48-49

³¹ Ibidem, p. 55

³² GRIGOLETTO, 2002: p. 84

³³ SAID, 1995: p.129

³⁴ Ibidem, p. 81

Los negros son como animales, imposibilitados para el desarrollo de capacidades mentales; los amarillos, algo mejores, pero pasivos y lánguidos; los blancos, por el contrario, se caracterizan por una inteligencia enérgica, fuerza física, un instinto por el orden y un gusto pronunciado por la libertad.³⁵

Inclusive Immanuel Kant, pioneiro na utilização do conceito de raça, nos seus estudos relacionou clima, cor da pele e caráter para assegurar que os homens de pele negra nunca trabalhariam a menos que fossem forçados. Além disso, se questionava sobre o porquê da existência dessa gente e o que perderia o universo se pessoas semelhantes a ovelhas e gados desaparecessem.³⁶

A nudez indígena descrita nos relatos das conquistas simbolizava também a nudez intelectual, da mesma forma que a incompreensão da língua do dominado pelo dominador significava a ausência de uma língua elaborada, soava, então, como um gorjeio, um ruído. Consequentemente, a introdução da língua da metrópole era a conexão entre o pensamento e a palavra.³⁷

“No sistema pedagógico concebido para a Índia, os alunos aprendiam não só a literatura inglesa, como também a superioridade intrínseca da raça inglesa”, como afirma Said.³⁸ No Cairo, era proibido falar árabe nas escolas, e em Porto Rico, o creole falado nas dependências acadêmicas era terminantemente reprovável e passível de ser punido quem o praticasse. Segundo Said,

Graças ao trabalho de Gauri Viswanathan, vê-se que o sistema de ensino britânico na Índia, cuja ideologia deriva de Macaulay e Bentinck, é permeado de idéias sobre raças e culturas desiguais, transmitidas em sala de aula; faziam parte do currículo e de uma pedagogia cuja finalidade, segundo seu defensor Charles Trevelyan, era, ‘em sentido platônico, despertar os súditos coloniais para a lembrança de seu caráter inato, [...] devido ao caráter feudalista da sociedade oriental. Nessa narrativa universalizante, reescrita a partir de um roteiro fornecido anteriormente pelos missionários, o governo

³⁵ 2005: 157

³⁶ Ibidem, p.155

³⁷ BONNICI, 2000: p.57

³⁸ Op. cit.: p.144

britânico era remodelado como a república ideal a que os indianos deviam naturalmente aspirar, como expressão espontânea de si mesmos, um Estado em que os governantes britânicos ganhavam um lugar figurativo como Guardiões platônicos.³⁹

Segundo Bill Ashcroft, é na linguagem que a tensão da denúncia e silêncio cultural tornam-se mais efetiva a manifestação da “demonização”, como a primeira forma de inferioridade estrangeira, porque “eles” não falam a “nossa” língua e, portanto, não falam nenhuma língua.⁴⁰

Colombo não vê diferença na “fechura de la gente, ni en las costumbres, ni en la lengua” nas ilhas por onde passou.⁴¹ E, como projeto civilizador, sugere aos reis de Espanha que, mesmo os indígenas sendo primitivos em matéria de elaboração de armas, que eles sejam capturados para aprenderem a língua do novo império.⁴² Outro fator considerado importante por Colombo para que os indígenas fossem capturados e obrigados a aprenderem a nova língua era o fornecimento de informações sobre as terras descobertas.

Disse que ontem, 11 de novembro, lhe havia parecido aconselhável capturar algumas pessoas que moram nessas margens para levá-las à presença dos monarcas a fim de aprenderem a nossa língua, saber o que contém essa terra e, ao regressar, falarem língua de cristãos, tendo adotado nossos costumes e as coisas da fé.⁴³

Já Caminha informa que “Ali por então não houve fala nem entendimento com eles, pela barbárie deles ser tamanha que se não entendia nem ouvia ninguém”.⁴⁴

O zelo reformista do Raj Britânico sob a educação indiana foi intensificado no séc. XIX, com a constante produção da metrópole de textos prescritivos para a “europeização” do povo colonizado através da aprendizagem

³⁹ Ibidem, p.152

⁴⁰ 1991: p.59 Apud BONNICI, 2002: p.64

⁴¹ 1965: p. 5

⁴² 1998: p. 50

⁴³ Ibidem, p. 64

⁴⁴ 2003: p. 100

das ciências e literaturas européias, além, é claro, dos ensinamentos cristãos. O objetivo dessas ações era “formar uma elite local europeizada por meio da educação, para que essa elite gradativamente propagasse esses conhecimentos, suas mudanças de comportamento e de valores entre o povo”, como nos mostra Grigoletto. Era consenso que a educação das colônias deveria seguir os padrões europeus, considerados superiores.⁴⁵

O projeto colonial era, então, resgatar aqueles que viviam na escuridão da barbárie para a luz da civilização, instruindo as sociedades ultramarinas nos padrões europeus modernos com a intenção de, dar-lhes forma e definição. Porém, o que proporcionava a identidade e entendimento dos povos subordinados não eram seus próprios esforços, mas sim, a sua identificação pelas lentes européias, ou seja, os povos dominados são “contidos e representados por estruturas dominantes”.⁴⁶

Governar, aprender, comparar e subjugar, essas eram práticas correntes de colonizadores como William Jones, que foi juiz do Tribunal Supremo de Bengala e, por ter que lidar com as leis nativas escritas em sânscrito, tornou-se sanscritista e dedicou toda sua vida ao estudo dos textos clássicos indianos e suas respectivas traduções do sânscrito para o inglês, porém, mesmo assim, foi capaz de, em carta a um amigo norte-americano, escrever as seguintes palavras:

Jamás dejaré de pensar que la libertad racional hace virtuosos a los hombres, y la virtud felices: por lo tanto, al desear ardientemente la felicidad universal, deseo la libertad universal. Sin embargo, sus observaciones sobre los hindúes son acertadas: son incapaces de libertad civil; pocos tienen noción de ella, y quienes la tienen, no la desean. Deben (deploro el mal, pero reconozco su necesidad), deben ser gobernados por un poder absoluto, y mi dolor se alivia en gran medida al saber que los propios nativos... son más felices bajo nuestro dominio de lo que lo fueron o hubieran sido bajo los sultanes de Delhi o los pequeños rajás.⁴⁷

E isso porque, segundo Agustín Pániker, “el sânscrito no solo posee el mayor volumen de literatura religiosa entre todas las lenguas ‘clásicas’, mas

⁴⁵ op. cit.: p.68

⁴⁶ SAID, 1995: 51

⁴⁷ NAIPAUL, 1988 Apud BOU, 2006: pp. 60-61

asimismo el corpus de escritos ateístas y agnósticos más grande de todas las lenguas”.⁴⁸

Assim, como Caminha que acreditava em sua interpretação dos gestos dos indígenas sempre em favor dos interesses europeus, Jones também acreditava na felicidade do povo indiano sob o domínio do Raj Britânico.

Marisa Grigoletto afirma que, durante a relação colonial, dois eventos discursivos ocorrem: “estende-se aos nativos das colônias o título de ‘humanidade’, ao mesmo tempo em que se toma como pressuposto que os direitos da humanidade somente podem ser exercidos pelo poder colonial”, fazendo com que a condição subalterna seja mantida.⁴⁹

Esse lado beneficiário das colonizações também tem como grande exemplo frei Bartolomeu de Las Casas e sua tentativa de promoção da imagem indígena ameríndia. Gustavo Garcia, em seu artigo, “La invención ‘ética’ del sujeto indígena en la Brevísima relación de la destrucción de las Índias”, demonstra que Las Casas, ao preservar os diários de Colombo, foi o primeiro a inventar um sujeito indígena propondo respeitar seus direitos, porém, direitos como “criaturas de Deus” e súditos do reino de Castilha. Las Casas estabelece uma relação de igualdade entre indígenas e espanhóis, afirmando que tanto espanhóis quanto indígenas são filhos de Deus e súditos da coroa espanhola. Porém, quando se trata de ressaltar rasgos naturais, Las Casas distingue espanhóis e indígenas. Os valores não se fundamentam, se assumem a favor de uns em detrimento de outros, além disso, a implantação do cristianismo era considerada o lado positivo da penetração européia no Novo Mundo.⁵⁰

Percebemos, no cerne das colonizações modernas européias, as teorias evolucionistas que põem em escala evolucionária nativos e europeus, na ponta inferior da escala e na ponta superior respectivamente. É o rebaixamento do colonizado, na escala civilizadora, visto como sujo e abjeto e, conseqüentemente, inferior, e a negação de uma história para a colônia anterior à colonização que é gerada pela teoria evolucionista colonial.⁵¹

Se os povos colonizados eram inferiores, as sociedades superiores tinham como missão levar a civilização aos povos bárbaros ou primitivos, atitude em que

⁴⁸ Op. cit.: p. 134

⁴⁹ op. cit.: p. 82

⁵⁰ 2003: p.14

⁵¹ GRIGOLETTO, 2002: p. 84

muitas vezes era necessário “o açoitamento, a morte ou um longo castigo quando ‘eles’ se comportavam mal ou se rebelavam porque em geral o que ‘eles’ melhor entendiam era a força ou a violência, ‘eles’ não eram como ‘nós’, e por isso deviam ser dominados.”⁵²

Serge Grusinski mostra como o contato dos nativos ameríndios com os espanhóis influenciaram em suas formas de expressões.

No se podría hablar de mutaciones sino más bien de una acumulación de inflexiones de la que surgen algunas grandes tendencias: desarrollo de la fonetización, adopción más o menos avanzada de la tercera dimensión, occidentalización de la figura humana y del rasgo. Estas innovaciones fueron obra de generaciones de indígenas, formadas tras la Conquista, que alcanzaron la edad adulta después de 1550 y que, por consiguiente, eran capaces de desligarse de los cánones tradicionales para adoptar y fijar modos de expresión más próximos de los españoles y de los cuales se encuentran avatares hasta el siglo XVIII en regiones tan distintas como Oaxaca, Guerrero o el valle de Puebla.⁵³

A europeização projeta a redefinição do imaginário e do real em que os indígenas foram destinados a expressar-se e a subsistir.

Por levar a civilização aos povos “bárbaros” entende-se, levar a cultura européia, ou seja, europeizar as colônias. Porém, como menciona Homi Bhabha, o discurso colonial inglês é ambivalente. Ao utilizar como estratégia a imitação da cultura da metrópole, o outro é representado como semelhante ao colonizador, mas não exatamente igual. O discurso colonial britânico tem como meta construir um sujeito colonial que seja anglicizado, mas que não se torne idêntico ao cidadão inglês, já que a imitação é simultaneamente, semelhança e ameaça.⁵⁴

A partir dessa relação ambígua emergem duas atitudes frente à realidade, na opinião de Grigoletto; a primeira leva em conta a realidade, já a segunda, a desqualifica, substituindo a realidade pela sua rearticulação como imitação. Para Homi Bhabha,

⁵² SAID, 1995: pp. 11-12

⁵³ 1995: p. 46

⁵⁴ 1994, Apud GRIGOLETTO pp. 76-77

a presença do outro provoca o surgimento da estratégia da imitação pelo temor do que não pode ser apropriado nesse outro. A esse movimento de articulação entre a autoridade colonial e as formas de conhecimento ‘nativo’, por meio do qual um influencia o outro, modificando ambos, o autor dá o nome de hibridismo.⁵⁵

Bhabha defende essa categoria como sendo a responsável, em última instância, pelo abalo do poder colonial.

A cultura européia, ao implantar sua superioridade nas colônias, inicia o processo de transculturação. Como resultado dessa interferência, surgem indivíduos híbridos; por exemplo, ao determinarem a utilização de sua língua das metrópoles nas colônias, muitos escritores subalternos, mesmo após a independência de suas nações, passaram a utilizar a língua e os padrões europeus em suas literaturas.⁵⁶

Entendemos o processo de transculturação nos termos de Fernando Ortiz.

Toda traça de cultura, ou como diremos desde agora em diante, toda transculturação, é um processo no qual sempre se dá algo em troca do que se recebe; é um ‘toma lá dá cá’ como dizem os castelhanos. É um processo no qual ambas partes da equação resultam modificadas. Um processo no qual emerge uma nova realidade, composta e complexa; uma realidade que não é uma aglomeração mecânica de caracteres, nem se quer um mosaico, senão um fenômeno novo, original e independente. Para descobrir tal processo do vocábulo de latinas raízes transculturação proporciona um termo que não contém a implicação de uma certa cultura desde a qual tem que tender à outra, senão uma transição entre duas culturas, ambas ativas, ambas contribuintes como sendo aportes, e ambas cooperativas ao advento de uma nova realidade de civilização.⁵⁷

⁵⁵ 1994b, Apud GRIGOLETTO, 2002: p 77

⁵⁶ BONNICI, 2000: p. 12

⁵⁷ 1983: p. XXXIII. Tradução nossa

E por hibridização, o conceito de cultura híbrida, de Serge Grusinski: uma cultura produto de uma interação constante entre a tradição e o aporte exótico, entre o livre arbítrio e o imperativo e que tem início em meados do séc. XVI.⁵⁸

Retomando a idéia de Said, se no momento em que o poder e o controle real se encontram, transformando a idéia do que era (poderia ser, poderia se tornar) em um determinado lugar e um lugar concreto e iniciando assim, a luta pelo império, é dessa mesma forma que se inicia a resistência nativa reivindicando a descolonização de seu território e cultura.⁵⁹

Afinal, o contato entre culturas pressupõem a transculturação e a resistência a uma possível aculturação, que significa o desaparecimento dos elementos de uma cultura pela imposição de poder da outra, como pode ser observado em diversas ilhas do Caribe, cujo substrato indígena foi massacrado pela colonização espanhola. Apaga-se, dessa forma, qualquer vestígio do “eles” para que somente o “nós” exista.

3.3- Rebelião e descolonização

Iniciamos essa seção com uma citação da escritora mexicana, Gloria Anzaldúa extraída de seu livro: *Bordlands – La Frontera: the new mestiza*, em que escreve as seguintes palavras:

Esos movimientos de rebeldía que tenemos en la sangre nosotros los mexicanos surgen como ríos desembocados en mis venas. Y como mi raza que cada en cuando deja caer esa esclavitud de obedecer, de callarse y aceptar, en mi está la rebeldía encima de mi carne. Debajo de mi humillada mirada está una cara insolente lista para explotar. Me costó muy caro mi rebeldía – acalabrada con desvelos y dudas, sintiéndome inútil, estúpida, e impotente. Me entra una rabia cuando alguien – sea mi mamá, la Iglesia, la cultura de los anglos – me dice haz esto, haz eso sin considerar mis deseos.

⁵⁸ op. cit.: p. 41

⁵⁹ 1995: p.118

Repele. Hable pa''tras. Fui muy hocicona. Era indiferente a muchos valores de mi cultura. No me deje de los hombres. No fui buena ni obediente.

Pero he crecido. Ya no sólo paso toda mi vida botando las costumbres e los valores de mi cultura que me traicionan. También recojo las costumbres que por el tiempo se han probado y las costumbres de respeto a las mujeres. But despite my growing tolerante, for this Chicana la guerra de independecia is a constant.⁶⁰

A conscientização do papel e lugar do subalterno, no sistema colonial, não somente como um indivíduo inferiorizado como também, como um indivíduo marcado pelo seu hibridismo (marcado na citação de Anzaldúa pela escrita caracteristicamente chicana, híbrido de castelhano do México com o inglês dos Estados Unidos) e seu falar da margem, da fronteira, não só por muitas vezes se tratar de imigrantes, como também, por não ser nem uma coisa nem outra, acarreta o processo de rebeldia, ou seja, oposição e resistência à imposição colonial. Somente dessa forma, o subalterno ganha voz e passa ao status de sujeito, condição para a descolonização.

A condição de imigrante (exilado, refugiado ou expatriado) intensifica a problemática da resistência a uma aculturação. A escrita híbrida é a marca dessa resistência, da interferência, porém, não da dominação total pelo Outro. Esse mesmo processo pode ser observado nos cantores de origem africana na França, cujas letras de suas músicas são compostas em árabe e em francês. Percebemos a demarcação do sujeito fronteiriço em músicas como *La France des couleurs*, de Idir, e diversos grupos de hip hop e rap que cantam em Franglais, ou nos textos dos escritores nuyorriqueños, de origem porto-riquenha, mas que vivem em Nova York, todos escritos em Spanglish. Veremos melhor essa análise de uma manifestação híbrida como identidade cultural (e nação) e resistência em situações de deslocamentos mais à frente.

No caso das nações dominadas, a reação ao domínio europeu também provoca afirmações de identidades nacionais. Said, propõe três grandes temas que são originados na resistência cultural descolonizante, são eles: 1- A insistência no direito de ver a história da comunidade como um todo coerente e integral, ou seja, “devolver a nação aprisionada a si mesma”. Nesse ponto, a concepção de língua

⁶⁰ 1987: p. 13

nacional é fundamental em conjunto com uma prática de cultura nacional para organizar e sustentar a memória da comunidade. 2- A resistência como “um modo alternativo de conceber a história humana”. 3- O afastamento do nacionalismo separatista para a aproximação de uma visão mais integrativa e libertadora da comunidade humana.⁶¹

Porém, um retorno total às origens como a retomada da língua materna é a base de se distinguir entre “nós” e “eles, retomando a relação hierárquica entre dominante e dominado. Segundo Said, “o nativismo, infelizmente, reforça a distinção mesmo quando valoriza o lado mais fraco ou servil”⁶², como concorda Agustín Pániker em palavras anteriormente citadas. Da mesma forma que os colonizadores, no seu contato com a cultura do outro, projetava o passado dessa cultura para o seu presente, retirando-lhe a possibilidade de um presente real, estagnando-a no tempo, a sociedade dominada também volta as costas para seu presente transculturado para um retorno ao passado, ignorando a sua atual condição híbrida. Afinal,

A história de todas as culturas é a história dos empréstimos culturais. As culturas não são impermeáveis. A cultura nunca é uma questão de propriedade, de emprestar e tomar emprestado com credores absolutos, mas antes de apropriações, experiências comuns e interdependências de todo tipo entre culturas diferentes. Trata-se de uma norma universal. Quem já determinou quanto o domínio de outros contribuiu para a enorme riqueza dos Estados inglês e francês?⁶³

Como afirma Bonnici, “jamais há um retorno total à cultura original.”⁶⁴ A resistência deve, então, se fazer no estado presente, reconhecendo-se como híbridos e exigindo o mesmo direito à voz que os dominantes que os europeizaram, assim como faz Gloria Anzaldúa. A descolonização, então, segundo Fanon “é o processo oposicionista contra a dominação, ‘uma verdadeira

⁶¹ 1995: pp. 173-174

⁶² Ibidem, p. 288

⁶³ SAID, 1995: p.275

⁶⁴ op. cit.: p. 22

criação de homens novos... não se originando de algum poder sobrenatural, porque o objeto que foi colonizado torna-se pessoa durante o mesmo processo em que se liberta”⁶⁵

Grigoletto, retomando as palavras de Bhabha, afirma que “o hibridismo é, ‘a um só tempo, um modo de apropriação e de resistência”⁶⁶. Quando o subalterno responde ao europeu, ele não só recupera sua voz, como também denuncia a usurpação européia e as leis tradicionais nativas infringidas.⁶⁷

Assim como o personagem hinduísta Biju do romance de Kiran Desai que, em condição de imigrante nos E.U.A. trabalha em restaurantes e, não só tem que preparar pratos não-vegetarianos, como vê outros indianos hinduístas comendo carne. No momento em que só admite trabalhar em um restaurante que sirva comidas vegetarianas, ele retoma sua voz, mesmo que, em seu retorno à Índia, possa ser observado o seu não enquadramento à antiga sociedade por sua condição híbrida.⁶⁸

Grusinski demonstra o duplo olhar da transculturação como hibridismo e resistência através dos textos ameríndios, que exortam premonitoriamente e dissuadem os indígenas de freqüentarem os espanhóis que em um momento ou outro os despojariam de suas terras e de seus títulos. “Lo cual nos vale desgarradoras denuncias de los peligros de la aculturación”⁶⁹.

En acompañándose con los que traen el sombrero encasquetado y sus espadas debajo del brazo [los españoles], quienes también andan a caballo en juntándose con los susodichos y comiendo de lo que ellos comen, serán perdidos porque estos pretenderán quitarles sus tierras [...] No consintáis que vuestros hijos se dejen aconsejar de los españoles porque por engaño les pretenderán quitar sus tierras, que los irán obligando con cariño y les darán de lo que comieren; y entendiendo los naturales que es agasajo, cuando recuerden, ya les habrán ido asentando los españoles todo lo que les dieran de comer y el dinero que les dieron y, desta manera, les coxerán sus papeles y cuando vuelvan en sí, se habrán quedado sin las tierras. [Cuijingó]

⁶⁵ 1990, Apud BONNICI, 2000: p. 22

⁶⁶ op. cit.: p. 78

⁶⁷ BONNICI, 2000: p.56

⁶⁸ 2006

⁶⁹ op. cit.: p. 109

Os títulos a que se refere Grusinski eram uma forma de manifestação múltipla ameríndia que incluía elementos orais, escritos e pictográficos. O historiador mostra que todos os intercâmbios culturais foram possíveis, desde a transcrição dos códices orais huehuehlahtolli, passando pelos cantares elaborados nas primeiras décadas da colônia, até a glosa oral dos registros pictográficos integrados à apropriação do escrito jurídico e religioso dos espanhóis.⁷⁰

É a resistência que provoca a descolonização da nação, da cultura e do intelecto. O subalterno se transforma em sujeito, não só porque retoma sua voz porque “a descolonização traz um novo ritmo à existência, introduzido por homens novos; com ela chegam também uma nova linguagem e uma nova humanidade”.⁷¹

A descolonização aqui entendida como a independência formal de uma nação, mesmo que economicamente e/ou culturalmente ainda dependente (o que segundo Ania Loomba caracteriza o neo-colonialismo), pode ser classificado como pós-colonialismo.⁷² Porém, Loomba vai além, ela sugere uma concepção de pós-colonialismo mais abrangente.

It has been suggested that it is more helpful to think of postcolonialism not just as coming literally after colonialism and signifying its demise, but more flexibly as the contestation of colonial domination and the legacies of colonialism. Such a position would allow us to include people geographically displaced by colonialism such as African-Americans or people of Asian or Caribbean origin in Britain as 'postcolonial' subjects although they live within metropolitan cultures. It also allows us to incorporate the history of anti-colonial resistance with contemporary resistances to imperialism and to dominant Western culture.⁷³

⁷⁰ Ibidem, p. 116

⁷¹ FANON, 1990:36, Apud BONNICI, 2002: p. 32

⁷² LOOMBA, 1998: p.7

⁷³ Ibidem, p.12

Loomba também afirma que tanto a metrópole quanto a colônia são profundamente alteradas no processo colonial, por isso, ambas são reestruturadas pela descolonização.⁷⁴

Na próxima seção veremos a função crucial da narrativa e da língua no processo colonial e de descolonização.

3.4- Narrativa e língua

Como já vimos, a colonização é, antes de tudo, um processo discursivo que, segundo Josefina Ludmer (1994: p. 14), exclui os subalternos dos espaços públicos e dos espaços narrativos. O discurso tem papel fundamental em todo o processo de colonização, descolonização e pós-colonização. É por isso que Sankaran Krishna inicia o primeiro capítulo de seu livro, *Postcolonial insecurities*, com a seguinte citação de Allen Feldman, extraída de seu livro *Formations of violence*: “The event is not what happens. The event is that which can be narrated”.⁷⁵

Vimos na primeira seção como o conhecimento que os colonizadores obtinham das regiões (e culturas) a serem dominadas através dos textos, geralmente relatos de viajantes, era transformado em poder. O método era aplicar o que se aprendia nos livros à realidade e incorrendo em generalizações. O esquema textual detinha a autoridade preferível ao encontro direto e, muitas vezes, desestruturador com o ser humano.⁷⁶

O contato com o desconhecido, estranho e distante favorece a uma atitude textual, ou melhor, de retorno ao texto o qual já se constitui como experiência anterior. Se as experiências dos leitores são determinadas por suas leituras, esse movimento reverbera influenciando os escritores a escolherem não só os temas como também o vocabulário definidos pelas experiências dos leitores. Segundo Said, “a idéia, em todos os casos, é que as pessoas, lugares e experiências podem

⁷⁴ Ibidem, p. 19

⁷⁵ 1999: p. 3

⁷⁶ SAID: 1995: p. 102

sempre ser descritos por um livro, de tal modo que o livro (ou texto) adquira maior autoridade, e uso, que a própria realidade que descreve”.⁷⁷ E acrescenta:

Atribui-se-lhe [ao texto] conhecimento de causa. A autoridade de acadêmicos, instituições e governos é-lhe acrescentada, rodeando-o com um prestígio ainda maior que o que lhe é devido por seus sucessos práticos. O mais importante é que tais textos podem criar, não apenas o conhecimento, mas também a própria realidade que parecem uma tradição.

Então, as sociedades colonizadas podiam ser apreendidas discursivamente, primeiro porque houve a intervenção da análise do europeu, segundo por ele também ter criado um léxico apropriado para caracterizar as generalizações distintas das duas sociedades (européia e não européia) e incutir os estereótipos.⁷⁸

Outro fator importante que Said também nos lembra é que a narrativa é a forma que a história escrita estabelece a permanência desse tipo de visão, afirmando a inferioridade dos povos não europeus e a dominação por estes para o bem daqueles, além de mostrar a superioridade das sociedades européias modernas em comparação com as sociedades chamadas clássicas (principalmente por sua estagnação no passado).⁷⁹

O processo de colonização desenvolve diferentes práticas de impor seu poder aos subalternos. Uma delas seria o uso do poder propriamente dito para observar e controlar territórios e povos, que só é possível através das viagens e relatos. Há também a ideologia da redução e reconstituição do nativo. Outra é a colonização como missão civilizadora. Também observamos a situação de dominação como verdade absoluta e impossibilidade de medir e considerar os atos dominadores como algo destrutivo para os dominados. A última é a reescritura da história do povo subalternizado e desgarrado de suas tradições (e algumas vezes de suas terras) em benefício da história metropolitana.

⁷⁷ Ibidem, p. 103

⁷⁸ SAID: 1995, p. 239

⁷⁹ Ibidem, p. 246

Esse processo utiliza a narrativa para dispersar memórias contraditórias e ocultar a violência – o exótico substitui a marca do poder pelos afagos da curiosidade -, sendo a presença imperial tão dominante a ponto de impossibilitar qualquer tentativa de separá-la da necessidade histórica. Todas juntas criam um amálgama das artes da narrativa e observação dos territórios acumulados, dominados e governados, cujos habitantes parecem fadados a jamais escapar, a permanecer como criaturas da vontade européia.⁸⁰

Assim como Ludmer, Marisa Grigoletto crê que a capacidade da ação colonizadora silencia a elaboração de sentido do colonizado sobre si mesmo, excluindo-o do espaço narrativo e subalternizando-o.⁸¹

Porém, o subalterno continua significando e representando mesmo no silêncio. Grigoletto, retomando a teoria de Orlandi afirma que:

O silêncio é a ‘matéria significante por excelência’ (...). Perceber o silêncio como significação resulta em entender que ele é um continuum significante sem os ‘fechamentos’ de sentidos próprios da linguagem. Linguagem e silêncio são matérias significantes distintas: o silêncio é fundante e nele o sentido é.

O silêncio é a dimensão do múltiplo, dos ‘outros’ sentidos que a linguagem tenta reduzir ao ‘um’. (...) O silêncio deve ser compreendido como ‘ a possibilidade para o sujeito de trabalhar sua contradição constitutiva, a que o situa na relação do ‘um’ com o ‘múltiplo’, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que todo discurso sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa.⁸²

O outro, colonizado, significa no discurso do Outro, colonizador, pelo próprio movimento discursivo do silêncio cujo sentido silenciado passa a resignificar em outro lugar abrindo uma fissura no discurso silenciador, ou seja, o silêncio significa na sua irredutibilidade em relação à linguagem. O sentido

⁸⁰ Ibidem, pp. 177-178

⁸¹ op. cit.: p. 112

⁸² 1992 Apud GRIGOLETTO, 2002: pp. 134-135

silenciado continua a significar de outra forma e o sentido resiste, assim como resiste o subalterno em presença do europeu.⁸³

A princípio, o subalterno continua significando e dando resistência a sua presença através do silêncio, uma vez, que ele é representado pelo colonizador e, apesar de significar e resistir, não se auto-representa, uma vez que a significação do silêncio sempre ocorre em contrapartida ao (e implícito no) discurso colonizador.

Ao implantar sua superioridade, a cultura européia, como já vimos anteriormente, também implantou a língua da metrópole nas colônias, e assim, muitos escritores passaram a utilizar a língua e os padrões europeus.⁸⁴ Aqui, lanço mão da teoria da análise do discurso, citada por Grigoletto, para ilustrar a concepção de língua e discurso que utilizo, os fatores que podem interferir nesses elementos e como eles interferem no indivíduo subalternizado.

Em linhas gerais, a análise do discurso propõe: a) uma concepção de língua entendida não como sistema abstrato, mas como materialidade que produz sentidos, em sua relativa autonomia; b) uma concepção de história tomada não como cronologia, e sim também como materialidade que interferem na língua, sob a forma da ideologia, para produzir sentidos; c) uma concepção de sujeito oposta tanto à concepção idealista de sujeito universal quanto à de sujeito intencional isto como origem e senhor consciente de seu discurso. O sujeito é tomado na sua constituição histórica, atravessado pelos discursos que o constituem e interpelado pela ideologia; d) uma concepção de objeto – o discurso – como ligação da língua com a sociedade apreendida pela história. O discurso tem uma materialidade que é lingüística e histórica ao mesmo tempo.⁸⁵

Grigoletto esclarece que aquilo que define a função-sujeito é a ilusão que o discurso colonizador proporciona de ser a origem do que o colonizado diz pelo mascaramento ideológico no qual seu discurso sempre remete a um Outro. Aqui, a autora utiliza o conceito de interdiscurso para explicar o já dito, como memória

⁸³ GRIGOLETTO, 2002: p. 139

⁸⁴ BONNICI, 2002: p. 12

⁸⁵ 2002: pp. 18-19

constituente de qualquer discurso. “Esse é o efeito ideológico elementar: o modo pelo qual o indivíduo é constituído na posição de sujeito não lhe é acessível”.⁸⁶

Continuo seguindo a tese de que o subalterno só se torna sujeito de seus atos e auto-representação quando subverte as estruturas discursivas coloniais, passa a se auto-representar, o que acontecerá na descolonização.

Frantz Fanon afirma que a primeira fase do encontro colonial é chamada de fase de assimilação.⁸⁷ É justamente nessa fase que a colônia se apropria da língua e das estruturas literárias da metrópole. A segunda fase seria a fase cultural nacional; uma fase que tenta resistir ao domínio colonial, porém é mal sucedida pela idealização. Como exemplo dessa fase, poderíamos citar o indianismo brasileiro, que longe de dar voz ao próprio indígena, tenta representá-lo através de um olhar europeizado. Bonnici, diz que os escritores desta fase não percebem que estão usando as técnicas e a linguagem do colonizador. E por último a fase nacional – fase da luta.⁸⁸

Esta terceira fase envolve uma série de textos, que a partir de certo grau de diferenciação, alcança uma total ruptura com os padrões originados na metrópole. “Evidentemente, essas literaturas dependiam da ab-rogação do poder restritivo e da apropriação da linguagem/escrita para fins diferentes daqueles para os quais outrora foram usadas”.⁸⁹

A última fase coincide com a descolonização da nação e é através da narrativa que a cultura e o intelecto também se descoloniza.

A categoria de ab-rogação é tomada de Bill Aschcroft e significa:

a recusa das categorias da cultura imperial, de sua estética, de seu padrão normativo e de uso correto, bem como de sua exigência de fixar o significado das palavras. É um momento da descolonização do idioma europeu. A apropriação é um ‘processo pelo qual o idioma é apropriado e obrigado a carregar o peso da experiência da cultura marginalizada (Ashcroft et al., 1991). Como o idioma é um instrumento ideologicamente carregado, o autor pós-colonial sempre se encontra numa verdadeira tensão entre os pólos da ab-rogação do idioma castiço recebido da metrópole e da apropriação que submete o idioma a uma versão popular, atrelado ao lugar e às

⁸⁶ Ibidem, p. 37

⁸⁷ Apud BONNICI, 2002: p.27

⁸⁸ op. cit.: p. 38

⁸⁹ Ibidem, p. 17

circunstâncias históricas. (...) o autor pós-colonial emprega as duas estratégias. Ele ‘arrebata o idioma, o recoloca numa situação cultural específica e ainda mantém a integridade daquela alteridade (a escrita) que historicamente foi empregada para manter o homem pós-colonial nas periferias do poder, da autenticidade e mesmo da realidade.’⁹⁰

Dessa forma, a língua antes apropriada é subvertida em favor do colonizado que retoma sua voz usurpada pelo colonizador e pode, assim, se auto-representar. Segundo Marisa Grigoletto é aquilo que despossui o indivíduo de sua condição de sujeito, em um momento anterior, que tornará seu dizer possível, “é recorrendo ao já-dito que o sujeito ressignifica” e se significa.⁹¹

Nessa subversão da língua colonial, a língua materna surge de diferentes formas, seja apenas como sintaxe que força em níveis ocultos a língua do ex-colonizador, como é o caso da escrita de Homi Bhabha, seja para mostrar a incapacidade da língua da metrópole de representar todo o pensamento e necessidade dos ex-colonizados, como é o caso da escrita de Edward Said em suas memórias, em que o inglês não é suficiente para expressar o conteúdo das palavras em árabes que povoam o texto, seja como forma de auto-afirmação política como sujeito híbrido fruto da transculturação, e muitas vezes o seu deslocamento, como demonstra a citação de Gloria Anzaldúa a seguir:

‘Pocho, cultural traitor, you’re speaking the oppressor’s language by speaking English, you’re ruining the Spanish language,’ I have been accused by various Latinos and Latinas, Chicano Spanish is considered by the purist and by most Latinos deficient, a mutilation of Spanish.

But Chicano Spanish is a border tongue which developed naturally. Change, evolución, enriquecimiento, de palabras nuevas por invención o adopción have created variants of Chicano Spanish, un nuevo lenguaje. Un lenguaje que corresponde a un modo de vivir. Chicano Spanish is not incorrect, it is a living language.

For a people who are neither Spanish nor live in a country in which Spanish is the first language; for a people who live in a country in which English is the reigning tongue but who are not Anglo.; for a people who cannot entirely identify with

⁹⁰ Apud BONNICI, 2002: p. 19

⁹¹ op. cit.: p. 32

either standard (formal, Castilian) Spanish nor standard English, what recourse is left to them but to create their own language? A language which they can connect their identity to, one capable of communicating the realities and values true to themselves – a language with terms that are neither español ni ingles, but both. We speak a patois, a forked tongue, a variation of two languages.

Chicano Spanish sprang out of the Chicanos need to identify ourselves as a distinct people. We needed a language with which we could communicate with ourselves, a secret language. For some of us, language is a homeland closer than the Southwest – for many Chicanos today live in the Midwest and the East. And because we are a complex, heterogeneous people, we speak many languages.⁹²

Bhabha afirma que o subalterno recupera sua voz através da paródia, da mímica e da tática conhecida por sly civility (cortesia dissimulada) que, em último estágio, ameaçam a autoridade colonial.⁹³ A mistura das línguas é tomada como ironia e paródia para contrariar as técnicas assimilistas da colonização e contestar a assimilação cultural.⁹⁴

Afinal, o colonizado por ser obrigado a absorver as estruturas culturais e intelectuais do colonizador, termina por ter um poder de dominação (cultural e intelectual) maior sobre o colonizador que o inverso, já que o único poder que ele exerce sobre o colonizado é a coerção através da força, como podemos perceber na citação abaixo, extraída do livro *A passage to India*, de E. M. Forster.

‘Do kindly tell us who these ladies are’, said Mrs Moore.
 ‘You’re better than them: don’t forget that. Your’re better than everyone in India’.
 Advancing, she shook hands with the group, and said a few words of welcome in Urdu. She had learnt the language, but only so as to speak to her servants. So she knew none of the politer ways of speech: **she could command but she could not request.**
 Miss Quested came forward. ‘I wish we could speak their language. Please tell these ladies we have only just come to their country’.
 ‘**Perhaps we speak yours a little**’, one of the ladies said.
 ‘Good heavens, **she understands**’, said Mrs Turton.⁹⁵

⁹² Op. cit.: p. 55

⁹³ 1984 Apud BONNICI, 2000: p. 17

⁹⁴ FONFFANI, 2005: p. 83

⁹⁵ 1974: p.13. Grifos nossos

A nosso ver, aprender a língua do colonizador era o primeiro passo, mesmo que inconsciente, para uma antropofagia, plagiando o termo do modernismo brasileiro, do colonizador.

Grigoletto, retomando a semântica de Bréal (1897), também afirma que “o sujeito enunciativo constrói sentido porque lança mão de estruturas da língua nas quais se inscreve a subjetividade, isto é, a possibilidade de o sujeito se apresentar como eu”. Ou seja, é nas estruturas da língua, que se inscreve a subjetividade e o sujeito se vê como “eu”.⁹⁶

Portanto, a língua, “seria uma prova de que determinadas pessoas não pertencem ao inimigo”.⁹⁷ Achebe compreende que não lhe resta escolha a não ser utilizar a língua inglesa, uma vez que ela carrega suas experiências africanas, mas para isso, utilizará o inglês de forma diferente, transformando-o e adaptando-o a sua querida África. A literatura pós-colonial se consolida como forma subversiva.⁹⁸

Bonnici também nos lembra que há duas etapas na constituição das literaturas pós-coloniais, uma de conscientização nacional (que se caracteriza pelo hibridismo) e outra da diferenciação da literatura elaborada no centro imperial. Mesmo que haja uma tentativa de resgatar o idioma pré-colonial como forma de descolonização, não há fuga; a ficção nos idiomas pré-coloniais é sempre um híbrido transcultural.⁹⁹

Da mesma forma que a narrativa é fator decisivo sobre as histórias das regiões descritas por exploradores e romancistas, já que o poder de narrar impede que surjam outras narrativas, na descolonização, também se torna estratégia para afirmar uma identidade e a história dos povos colonizados combatendo com narrativas, as narrativas dos europeus.

Marisa Grigoletto afirma que os sentidos dos discursos não se encerram em determinados momentos históricos, eles reverberam em outros momentos e situações.¹⁰⁰ As palavras, segundo a autora, mudam de sentido de acordo com a

⁹⁶ op. cit.: p. 48

⁹⁷ BONNICI, 2002: p. 214

⁹⁸ 1975: p. 103 Apud ibidem, p. 45

⁹⁹ op. cit.: p. 194

¹⁰⁰ op. cit.: p. 18

posição sustentada. Por isso, atualmente se percebe um esforço da literatura escrita após a descolonização formal, o que consideramos pós-colonial, em marcar seu lugar e romper com o mito da superioridade européia.¹⁰¹

Said explica que

Muitos dos escritores pós-coloniais mais interessantes carregam dentro de si seu passado – como cicatrizes de feridas humilhantes, como estímulo para práticas diferentes, como visões potencialmente revistas do passado tendendo a um novo futuro, como experiências a ser urgentemente reinterpretadas e rerepresentadas, em que o nativo, outrora calado, fala e age em territórios recuperados ao império.¹⁰²

Os novos críticos e teóricos, nas diversas regiões pós-coloniais, se dedicam a estudar as novas narrativas, frutos do pós-colonialismo; uns estudam os textos europeus para verificar a subjugação dos nativos pelas nações européias, outros se dedicam à produção pós-colonial, tanto das ex-colônias como daqueles em condição de migração para verificar como ele se auto-representa. É o esforço de estabelecer um diálogo em pé de igualdade entre ex-colônia e metrópole, demonstrando suas diferenças, diversidade e histórias.¹⁰³

3.5- A casa do descolonizado: nação e identidade.

Vimos que uma das características das colonizações modernas européias é o fluxo de migrações que, não se encerra com a descolonização. O deslocamento, ou seja, a desterritorialização, intensifica ainda mais os problemas sofridos pela transculturação, já que os elementos tradicionais que circulam em seu entorno, em seu território de origem não se encontram ao seu alcance e o contato com a cultura da metrópole é permanentemente profundo e, muitas vezes, mais restritivo que na colônia. Como compreender os conceitos de identidade e nação para quem está

¹⁰¹ BONNICI, 2000: p. 13

¹⁰² 1995: p. 64

¹⁰³ Idem

longe de suas raízes, de seu território, de sua origem? Esta é a pergunta que tentamos responder nesta seção.

É através da escrita que analisaremos a questão identitária e a nação já que estamos tratando de uma situação cultural criada através do desterro e que, segundo José Maria Arguedas, “é possível a fusão das culturas mediante as mediações transculturais da ‘escritura artística’”.¹⁰⁴

Relembraremos aqui o conceito de transculturação. Essa palavra expressa melhor as diferentes fases do processo de mudança de uma cultura à outra, porque este termo não consiste somente em adquirir uma distinta cultura, que, a rigor, é indicado pelo termo “aculturação”, mas sim, que o processo implica também necessariamente a perda ou desarraigo de uma cultura anterior, o que também significa uma parcial desculturação, acarretando a criação de novos fenômenos culturais. Ortiz nos lembra que, “como bem sustenta a escola de Malinowski, em todo abraço de culturas sucede o que na cópula genética dos indivíduos: a criatura sempre tem algo de ambos progenitores, mas também sempre é distinta de cada um dos dois”.¹⁰⁵ Este é um exemplo que ilustra o processo de transculturação entendido por Ortiz.

Toda transculturação é um processo no qual ambas as culturas iniciais sempre resultam modificadas, como poeticamente descreve Ortiz, em seu *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, o açúcar (de origem asiática) sendo levado à Cuba pelos europeus enquanto a Europa passa a fumar o tabaco cubano.¹⁰⁶ Essa transculturação origina uma nova realidade, todavia complexa porque não é simplesmente a adição de diversos elementos das culturas anteriores, mas sim, um fenômeno novo e independente. As culturas originais, na verdade, transitam e contribuem para uma outra e nova realidade.¹⁰⁷

Segundo Edward Said, “em parte devido ao imperialismo, todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo.”¹⁰⁸ E acrescenta: “longe de serem algo unitário, monolítico ou autônomo, as culturas, na

¹⁰⁴ RAMOS, 1996: p. 439

¹⁰⁵ 1985: p. 90. Tradução nossa

¹⁰⁶ Ibidem, p. 17

¹⁰⁷ Ibidem, p. XXXIII

¹⁰⁸ 1995: p. 28

verdade, mais adotam elemento ‘estrangeiros’, alteridades e diferenças do que os excluem conscientemente.”¹⁰⁹

Contudo, o autor faz uma observação muito importante. Os historiadores não interpretaram o desenvolvimento da cultura e história da França como fruto da expedição de Napoleão ao Egito, o mesmo vale para o reinado britânico na Índia, reinado este de amplitude e riqueza tão imensas que se tornou um fato natural para os membros da cultura imperial.¹¹⁰

Para demonstrar como ocorre o processo de construção da identidade e do conceito de nação na escrita chamarei de co-processos dois fatores que o constitui, pois no caso de países pós-coloniais, principalmente os que obtiveram sua independência na segunda metade do séc. XIX, como a Índia e os países africanos (ou no caso de Porto-Rico, que ainda não conseguiu a independência), especificamente, com relação à desterritorialização, podemos perceber que os dois fatores ocorrem quase concomitantemente. São eles: a identidade portátil, embutido na teoria de raízes portáteis de Julio Ramos, ou seja, a dos territórios transportáveis, e a identidade relacional, em que podemos citar Glissant e sua poética da relação, como um dos melhores exemplos.

Julio Ramos, mencionando Theodor W. Adorno e a célebre frase “no exílio, a única casa é a escrita”, escreve que a casa construída pela escritura parecia fundar um lugar compensatório. A casa da escritura é um signo transplantado que constitui o sujeito em um espaço descentrado entre dois mundos, em um complexo jogo de presenças e ausências, no ir e vir de suas missivas, de suas recordações, de suas ficções de origem.¹¹¹

Casa, neste trabalho, significará tanto nação (espaço descentrado para o que está deslocado) como identidade (sujeito também deslocado de suas origens), ou seja, nação e identidade se constituirão por meio da escrita como língua/discurso. A escrita (língua e discurso) tem características: portátil, relacional e dinâmica que serão vistas mais adiante.

Iniciaremos analisando a nação através das palavras de Julio Ramos citadas por Henrique Foffani:

¹⁰⁹ Ibidem, p.46

¹¹⁰ Ibidem, p.68

¹¹¹ LUDMER, 1994: p. 52

Las raíces portátiles hablan de una patria que se desplaza hacia afuera, hacia un fuera de lugar, como si fueses posible el traslado de territorio sin menoscabarlo, sin volverlo minusválido, sin vulnerar sus principios elementales.¹¹²

Entendemos “pátria” como sinônimo de “nação”. Ao contrário de muitos teóricos como Zygmunt Bauman que difere patriotismo de nacionalismo, respectivamente como mais tolerante e menos tolerante – o que concomitantemente acarreta uma noção diferente de pátria e nação, não julgamos essa diferenciação verdadeira uma vez que pátria e nação possuem origens etimológicas diferentes, respectivamente grego e latim, porém apresentando os mesmos significados.¹¹³

Nos seus sentidos originais (clássicos) as palavras “pátria” e “nação” apresentam as seguintes acepções segundo os respectivos dicionários: griego-español e latino-português:

πατρα, ας – [jón. πατριη, ης] η pátria, hogar; descendencia, linaje, raza.

A palavra “pátria” também se relaciona com outros termos como:

πατηρ, πατρος o padre; antepasado; fundador, autor, inventor, causante; fuente.

πατρις, ιδος adj. F. de la patria; del padre, paterno.

πατρια, ας [jón. πατριη, ης] η descendência, linaje; raza, família; tribu, casta.

πατρος, ον [ο –ος α ον] paterno, heredado de los antepasados, hereditário; pátrio; paternal.

¹¹² op. cit.: p. 82

¹¹³ 2001: p. 203

Enquanto “nação” apresenta as seguintes acepções:

Natio, onis, subs. F. I – Sent. Primitivo: 1- nascimento (personificado e divinizado) (Cic. Nat. 3, 47). II – Sent. Concreto (língua rústica): 2) Ninhada, nascimento dos filhos de um animal, raça, espécie (Varr. L. Lat. 9, 93). Daí: 3) Nação, povo, conjunto de indivíduos nascidos num mesmo lugar ou mesmo tempo (Cic. Of. 1, 35). III – Sent. Irônico: 4) Seita, raça, tribo (Cic. Nat. 2, 74).

Assim, podemos perceber que englobam as mesmas idéias de lugar de origem, tribo, raça e nascimento. Portanto, neste trabalho “pátria” será usada como sinônimo de “nação”. Porém, se no seu sentido original, essas palavras se referem a lugar de nascimento. Nos estudos pós-coloniais de deslocamentos esse sentido territorial será literalmente deslocado porque, se antes o território construía a obra, hoje a obra constrói o território e, portanto, podemos falar de territórios transportáveis.

Na visão de Julio Ramos, a língua consegue transportar esse “território original”. “Si por dentro de la lengua la enunciación no puede eliminar de su topoelocutiva el asidero deíctico, significa entonces que las raíces, como plantea Julio Ramos, se vuelven portátiles”.¹¹⁴

Nas palavras de Julio Ramos, sobre o caso de Martír e Laviera, compositor e escritor porto-riquenho que viveram em Nova York, diz:

‘(...) para o território que ‘recebe’, o sujeito que entra em seu interior é um elemento estranho, uma espécie de prolongamento físico do território contíguo, o que gera toda uma topologia do ‘hospício’, ou no pior dos casos, da invasão e do contágio’. É uma narrativa de espaço, máquina territorializadora que insere novamente o movimento na rede simbólica nacional.¹¹⁵

Se as raízes podem ser transportadas, o território que constitui a nação não é mais determinado pela geografia ou, talvez, a geografia se torne mais

¹¹⁴ FOFFANI, 2005: p.82

¹¹⁵ 1994: p. 57

psicológica como nos indica Glissant ao dizer que se deve “construir as metrópoles dentro de si”.¹¹⁶ Sendo assim a escrita se torna narrativa de espaço e o espaço como rede simbólica – nação. Se antes os territórios construía o objeto literário, agora ocorre o inverso.

A nação é uma nação linguisticamente realizada, não há nada fora do discurso e é realizada em termos relacionais, do espaço original com o novo espaço, assim, a cultura que se desloca por migração (e outros fatores citados por Said no início deste capítulo) tem a necessidade de transcender limitações geográficas e marcar a inexistência de fronteiras reais. Em termos relacionais, tudo pode ser recriado.¹¹⁷

Seguindo os passos dos teóricos apontados até aqui, Sankaran Krishna, em um estudo voltado precisamente para os dois grandes blocos do mundo intitulado erroneamente como “oriental” e “ocidental”, nos mostra “a inefável característica miscigenada de nossas origens: não somente no senso teórico de débito que a identidade sempre deve para outros, mas também no senso histórico que toda categoria lingüística, religiosa, nacionalista, e étnica é bastarda e adulterada por tudo que é de fora”.¹¹⁸ E assim, sugere “como um termo alternativo: um que veja leste e oeste, oriente e ocidente, primeiro e terceiros mundos, metrópole e pós-colônias, norte e sul, como espaços que são *não-fundacional* e constantemente reproduzidos em termos relacional. Eles têm uma dívida irredimível um com o outro com suas supostamente naturezas essenciais.”¹¹⁹

Para Glissant, os indivíduos que se tornaram uma “outra coisa” fruto da hibridização, renunciam ao Ser em prol da Relação; essa sociedade entra, assim, “na variação sempre repetida da Relação (do relevo, do relativo)”. Essa população não traz com as técnicas de existência ou de sobrevivência, materiais e espirituais, que havia praticado antes de seu transbordo. “Estas técnicas subsistem só como rastros, ou em forma de pulsões ou de impulsos” transculturados.¹²⁰

Em sociedades mestiças os valores já não são tidos como uma referência absoluta, mas sim, como modos atuantes de uma Relação. Segundo Glissant, “a renúncia aos meros valores originários permite acender a um sentido inédito do

¹¹⁶ 2002: p. 287

¹¹⁷ DAROQUI, 2006, p. 145

¹¹⁸ 1999: p. XX

¹¹⁹ Ibidem, p. XXI

¹²⁰ op. cit.: p. 45

estabelecimento de relações” criticando mais naturalmente uma concepção do universal transparente.¹²¹ Essas sociedades não vivem nem no espaço ancestral nem em um espaço possuído, mas sim, em um espaço de convívio e transformação constante.

Utilizarei aqui o termo “mestiçagem” significando o resultado do contato entre duas ou mais culturas resumidos nas palavras de Juan Antonio Ramírez da seguinte forma: “esta concepción del mestizaje no se queda meramente en el color de la piel sino que se ha trasladado al análisis de los fenómenos religiosos, artísticos y culturales en general”.¹²² Assemelhando-se, assim, à hibridização.

A Relação transcende o universal por causa de sua transversalidade. “Temos necessitado muito tempo para sabê-lo. Somos as raízes da Relação. Raízes submarinas: é dizer derivadas, não é dizer implantadas, mas sim prolongadas em todas as direções do nosso universo por sua rede de ramos. Esta conjunção que nos distancia da uniformidade”.¹²³ A nação só pode ser entendida enquanto relação, uma vez que é constantemente alterada pelos contatos sócio-culturais.

O escritor indiano Salman Rushdie, descrevendo a nação indiana, já demonstra essa rede de relações através desta encantadora citação:

August in Bombay: a month of festivals, the month of Krishna’s birthday and Coconut Day; and this year – fourteen hours to go, thirteen, twelve – there was an extra festival on the calendar, a new myth to celebrate, because a nation which had never previously existed was about to win its freedom, catapulting us into a world which, although it had five thousand years of history, although it had invented the game of chess and traded with Middle Kingdom Egypt, was nevertheless quite imaginary; into a mythical land, a country which would never exist except by the efforts of a phenomenal collective will – except in a dream we all agreed to dream; it was a mass fantasy shared in varying degrees by Bengali and Punjabi, Madrasi and Jat, and would periodically need the sanctification and renewal which can only be provided by rituals of blood.¹²⁴

¹²¹ Ibidem, p. 46

¹²² 1999: p. 183

¹²³ GLISSANT, 2002: p. 178

¹²⁴ 1980 apud KRISHNA, 1999, p. XXIV

Sankaran Krishna encerra a citação de Rushdie dizendo que “poucas passagens ilustram melhor a fragilidade e artificialidade desta nova coletividade chamada nação”. Se essa rede relacional se encontra na base de cada país e aos poucos é internalizada, a ponto de alguns povos utilizarem palavras como “origem” e “pureza”, o conceito de nação em situação de migração é ainda mais frágil, ao se afastar fisicamente desta primeira coletividade para mesclar-se mais facilmente a novas culturas de contato.

Por isso dizemos relacional, uma vez que não há a memória exterior, como: a geografia do país, a natureza, os monumentos artísticos e arqueológicos, para lembrar ou reforçar a identificação do sujeito com seu passado, tendo ele que contar apenas com sua memória interior relativa as suas próprias experiências.

Sobre essa relação da memória com o externo, relembramos as palavras de Agustín Pániker sobre o que ele chama de paisagem cultural pelo relevo, clima e outros estarem vinculados às práticas culturais e identitárias de um povo.

A diferencia del paisaje pictórico, el lugar vital o el paisaje sagrado es una red relacional en la cual se está inserto. No es necesariamente el etno-paisaje del nacionalismo (aunque, como hemos visto, pueda ser utilizado para estos menesteres), sino que es más bien un paisaje familiar y local. Ahí es donde se desarrollan las acciones cotidianas y donde, por consiguiente, se insertan los rituales que sacralizan la existencia. (...) Es más un sentido de territorialidad que incluye la lengua, los alimentos, el relieve, el clima y todas aquellas señales que ligan el cuerpo y la mente al *lugar*. De ahí la fragilidad en su reproducción, ya que está en permanente diálogo con la incertidumbre ecológica, los flujos sociales o la volatilidad cósmica.¹²⁵

Afinal, devemos pensar no deslocamento, não como uma mera continuação da colônia, mas sim como um novo momento com características próprias.

Segundo George Steiner, “os românticos sustentavam que, entre todos os homens, o escritor é o que encarna de maneira mais evidente o gênio, o Geist, a

¹²⁵ Op. cit.: p. 112

essência de sua língua materna. Cada língua cristaliza a história íntima, a cosmovisão específica de um Volk (povo) ou nação”.¹²⁶

Se cada língua marca a história de um povo, uma língua híbrida marca a história de um povo híbrido, e nesse ponto temos uma gama de hibridismo lingüístico, desde os diversos créoles, passando pelo bilingüismo até as línguas mestiças da diáspora popularmente chamadas, por exemplo, de Spanglish, mescla de espanhol e inglês, ou Franglais, mescla de francês e inglês.

Parafraseando Sankaran Krishna, a nação é uma prática discursiva que, distante de ser ações que sempre reorganizam “nós” com um “eles”, é historicamente emergente e produz e reproduz as várias críticas antinomias para a própria identidade: nós/eles, interno/externo, si mesmo/outro, dentro/fora.¹²⁷

Ana Pizarro em seu livro *América Latina: Palavra, literatura e cultura*. (Vol. 3), ao tratar sobre as ilhas francófonas do Caribe, demonstra que os escritores, ao adotarem o créole para a produção de sua literatura, pela primeira vez tiveram a sensação que os personagens e o narrador falam uma língua verossímil.

A dualidade lingüística não é, como entre seus predecessores, fonte de ironia e objeto de burla. A utilização do créole não é um pretexto para destacar a ignorância do francês por parte dos personagens, ou para colocar em evidência, ridicularizando-os, defeitos como a jactância e o engano.¹²⁸

O créole é a marca de uma identidade mestiça e real.

A identidade e a nação híbridas, lingüísticamente construídas, estarão sempre muito próximas e se realizam através dos mesmos elementos já que a identidade está intimamente conectada com o conceito de nação, ou seja, a nação ajuda a construir a identidade. Como vimos anteriormente, se temos uma nação híbrida isto contribuirá para uma identidade mestiça. Afinal, segundo Said:

¹²⁶ 2000: p. 15

¹²⁷ op. cit.: p. 4

¹²⁸ 1995: p. 528

estamos lidando com a formação de identidades culturais entendidas não como essencialização, mas como conjuntos contrapontuais, pois a questão é que nenhuma identidade pode existir por si só, sem um leque de opostos, oposições e negativas.¹²⁹

Por outro lado, Foffani, analisando as situações de migração, a identidade é entendida como deslocamento, porque é no próprio ato do deslocamento que a identidade será reconstruída no contato com a alteridade. Ele também compreende língua como lugar de corpos históricos, uma vez que a língua é atingida pela história do indivíduo; um continuum entre corpo e língua, mesmo quando esta é “trocada” por outra.¹³⁰

Continuando com a metáfora da casa utilizada por Theodor Adorno, María Julia Daroqui, em seu artigo *Islas de caracoles viajeros*, faz a seguinte menção sobre os povos das ilhas do Caribe: “(...) vamos pelo mundo com nossa casa nas costas”.¹³¹ A frase ratifica a expressão utilizada por Adorno e nos ajuda a compreender como uma identidade pode ser portátil.

Se explorarmos os teóricos que utilizaram a metáfora da casa, poderíamos incorrer em um erro se tratássemos a linguagem como a “casa do ser”, segundo Heidegger; devemos sim, compreender a linguagem como o lugar de uma alteração itinerante, como nos esclarece Michel de Certeau através do texto de Quiñones.¹³²

Não há um retorno fácil ao ‘país natal’, mas sim, uma nova aprendizagem e uma vacilante adaptação a sua diferença, a sua ‘mescla’, erigida já em consciência de um incômodo sujeito histórico. Podemos ler esta situação à luz da observação de Homi K Bhabha sobre o ‘híbrido’. Para ele, o híbrido não é um ‘produto’ estático, algo já feito ou elaborado, mas sim, uma produtividade; a mescla desencadeia um processo de hibridização que altera as significações tradicionais. A mesma precariedade e consciência de incompatibilidade do sujeito – sua aculturação parcial – abre a possibilidade de novas interpretações, de novos significados.¹³³

¹²⁹ 1995: p. 88

¹³⁰ op. cit.: p. 82

¹³¹ 2006: p. 145. Tradução nossa

¹³² 2000: p. 105

¹³³ 2000: pp. 121-122

É importante marcar que a identidade é portátil, porém, em si, ela não é fixa, ela também é mutável. A mutabilidade da identidade ocorre justamente porque “é no âmbito do idioma que se garante a relação com o próximo” - com o idioma e com o discurso.¹³⁴ O mesmo autor nos mostra que o que é não pode ser definitivo, é uma identidade em constante processo em que o verdadeiro e o melhor é o que vai contra o sujeito coletivo, a fixação de identidades - os estereótipos. Além disso, o autor rompe com o coletivo porque, como indivíduo, ele seria portador de especificidades dentro desse processo que ocorre através do outro – a nação.

Krishna demonstra que usa “o termo modulação para referir ao caminho, na modernidade, da realidade social que é compreendida na forma de narrativas ou scripts replicáveis que governam nossas ações e nos habilita a encontrar nosso caminho no mundo”.¹³⁵ Assim, como a nação se constrói relacionamente, a identidade também, a todo o momento modulando e modificando.

A modulação ou mudança de acordo com a relação expressa perfeitamente a própria essência da brega, que nos é apresentado por Quiñones em seu livro *A arte de bregar*. O autor diz: “Bregar não é uma forma de ser, é uma forma de estar e não estar; um tipo não preciso de luta, uma negociação entre a ausência e a presença”.¹³⁶ A brega faz parte da cultura caribenha e demonstra como tudo pode ser constantemente recriado, inclusive a identidade.

Segundo o autor:

A estratégia do bregar consiste em colocar em relação o que até esse momento parecia distante ou antagônico. É uma posição desde a qual se atua para resolver sem violência os conflitos muito popularizados. Implica também o conhecimento e a aceitação dos limites. Há que se sublinhar essa aceitação. Com frequência é um “ato” que consiste em eleger o “menor dos males”. (...) Idealmente, se brega até encontrar um modo de alcançar o difícil equilíbrio entre elementos potencialmente conflitivos. Há uma vocação de

¹³⁴ ADORNO, 1969: p. 104

¹³⁵ op. cit.: p. 5

¹³⁶ 2000: p. 20

harmonia no bregar, de harmonizar necessidades e interesses.¹³⁷

As modulações da brega pertencem à língua falada e sua corredia história, tão marcada no caso porto-riquenho pela larga experiência colonial, as heterogeneidades internas, e as levas de migrações acabam formando parte central de uma tradição, no sentido de resíduo de um passado cristalizado que se filtra no presente', pulsões que irrompem o tecido social sem que seja esperado. Por isso as imagens de bregar produzem a sensação de estar, simultaneamente, ante algo novo e antigo.

A origem da arte de bregar, compreendida por Quiñones, parece remeter às velhas práticas de ocultamento pertencentes a um mundo rural que se desenvolveu nas margens do Estado colonial, uma sociedade de intensos sofrimentos e bruscos deslocamentos.¹³⁸

Um dos grandes representantes da brega é o poeta e ensaísta Luis Palés Matos que, em seus poemas, resgata as falas africanas, o ritmo dos instrumentos musicais, o racismo crioulo e a situação colonial. Todos esses elementos são trasladados ao âmbito da poesia e resulta no "ten con ten", expressão que significa: "que se apóia, já em uma coisa, já em outra; que não está firme; que se mantém em movimento pendular"¹³⁹ demonstrando o equilíbrio instável impossível de ser resolvido, principalmente através da palavra ambígua.

O bregar existe pela lei da necessidade, e também muda em função delas.

Suas 'casas' se apresentam como sucessivas trocas de pele produzidas por freqüentes re-localizações que tem vindo transformando as noções de identidade. Os deslocamentos desafiam a estabilidade, mas, ao mesmo tempo, a convertem em necessidade profunda.¹⁴⁰

¹³⁷ Ibidem, p. 22

¹³⁸ Ibidem, pp. 27-28

¹³⁹ Ibidem, p. 35

¹⁴⁰ op. cit.: p. 79

São essas intensas relações entre culturas que tornam o indivíduo, um ser de identidade híbrida. Podemos ver esse processo refletido no próprio trabalho de teóricos como Ortiz que, ao mesmo tempo em que escreve um tratado técnico e histórico sobre a produção de açúcar e tabaco em Cuba, também trata antropológicamente sobre a relação colonial da ilha, com uma escrita caracteristicamente poética. Ou como Gita Mehta, escritora indiana cujos relatos sobre a Índia são, ao mesmo tempo, crônicas de viagem, biografia, artigos geopolíticos e denúncia social. Esse processo, como menciona Julio Ramos,

produziu, entre outras coisas, literaturas profundamente híbridas, freqüentemente com intervenção pelos chamados de outros discursos e instituições; literaturas e campos de estudos literários que na superfície mesma de seus gêneros e formas desbordam os marcos da especialização disciplinária? No campo universitário, não poderíamos pensar que os fundadores dos estudos humanísticos modernos que narrativizaram a economia, as coordenadas do cânon latino-americanista – trabalhavam, precisamente no lugar intersticial do ensaio, com dispositivos e formas de saberes transdisciplinários? E mais a cerca de nossa época, onde localizaríamos o discurso crítico de intelectuais como Angel Rama ou Antonio Cândido? Não seriam eles críticos culturais – irredutíveis, em suas reflexões sobre a literatura e o poder, a qualquer esquema literário?¹⁴¹

O deslocamento separa e reúne os lugares e a escrita centraliza identidades e nações descentralizadas, mesmo que seja somente enquanto uma nova relação ou necessidade não se estabeleça. Assim, a identidade e a nação estão em constante refazer, sua essência é a própria exigência de não ser.

¹⁴¹ 1996, p. 438. Tradução nossa